

## **Veja como podemos demolir cientificamente a sociedade moderna**

A cegueira é, hoje, geral e atinge até os sábios. Por exemplo, vivemos num mundo invertido e não sabemos. Veja o capital. Nos dias de hoje (nem sempre foi assim, que fique bem claro), o capital é a grande fonte geradora de todos os fenômenos sociais, das doenças que aí estão, da loucura e da depressão, enfim, dessa gaiola das loucas e dos loucos que é a realidade na qual nos metemos. Todo-poderoso, o capital é o responsável por tudo que existe hoje feito pelo homem, enfim, por tudo que tem a presença humana.

É também responsável por vivermos neste mundo caótico, em que tudo está invertido. Mas a maioria ainda desconhece isso, não tem a menor idéia de que isto esteja rolando. Também não passa pela consciência das pessoas, do homem comum aos sábios, que o mundo está assim invertido e que o grande responsável por tudo isso é o capital. A alienação é geral.

Quando Marx se deu conta disso, ou seja, quando descobriu que o modo de trabalho e de produção é a fonte originária de toda a realidade social, e que é o modo capitalista de produção que está pondo nos dias de hoje a sociabilidade que temos na realidade que aí está, imediatamente erigiu sua obra máxima, *O Capital*. Nela, ele comprova cientificamente que o capital, desde que se afirmou, passou a ser a matriz de onde começaram a se originar – e é assim até hoje – as formas de comportamento que vieram a seguir, as novas doenças, nossos pesadelos, conflitos, enfim, nossa personalidade, nosso grau de consciência, ou seja, tudo que veio depois e que é humano.

Mas seu livro *O Capital* não foi suficiente para que a humanidade despertasse nem passasse a entender sua descoberta e a assimilasse. Na sua irracionalidade, o capital de fato nos mergulhou nesse terrível pesadelo em que vivemos hoje, ou melhor, nesse processo de autodestruição talvez sem volta que nos atinge a cada minuto e que poucos conseguem enxergar. E os que o enxergam lamentavelmente não acreditam que o capital seja a mãe que concebe e reproduz diariamente todo esse inferno que é nosso dia-a-dia.

Já é até clichê, mas a maioria – justamente porque não entendeu ainda como se processa essa coisa de o capital ser hoje a fonte geradora de tudo o que é humano, portanto, de toda a nossa sociabilidade – continua não se dando conta das proporções da tragédia contemporânea. O homem comum ouve uma coisa dessas, pára para pensar e imediatamente conclui: “Não pode o capital ser a fonte geradora de doenças! Isto não tem o menor cabimento!”. Mas tem cabimento!

O objetivo deste site é provar que descobertas como essa, de que o capital é a fonte de origem de tudo que é humano, são científicas e verdadeiras. É mostrar que, apesar de elas já terem comprovação científica, lamentavelmente ainda não começaram a fazer parte da consciência do mundo nem chegaram ao dia-a-dia das pessoas. Mas precisam chegar.

Por isso, o presente site destina-se a mães, pais, jovens adolescentes e crianças que padecem, vítimas desse mundo invertido. Ele é também para os intelectuais, celebridades e gênios que igualmente sofrem do mesmo mal e ainda não entenderam o que são a realidade e o homem. Destina-se ainda aos gentis mortais como eu, que são sempre os últimos a saber.

Vale enfatizar: a maioria de nós ainda desconhece o essencial. Não percebeu que a humanidade já desvendou as grandes verdades deste mundo e também já dissipou suas maiores dúvidas. Já adquiriu certezas sobre muita coisa. O homem já sabe, por exemplo, de onde veio, o que é e para onde vai. Já encontrou as soluções para seus principais problemas. Só que ainda não domina nem entendeu as saídas que achou, razão pela qual não consegue colocá-las em prática. Mas precisa fazê-lo. E já. Do contrário, nossa espécie sucumbirá.

A humanidade está hoje diante de seu maior desafio, e que também é um dilema e um grande impasse: ou o homem começa a aceitar e a pôr em prática já as descobertas mais significativas que fez nos últimos milênios ou vai acabar se afundando de vez nas trevas e no obscurantismo, e se autodestruindo como já vem fazendo. Falo dos grandes achados, que vão de Heráclito de Éfeso a Jesus, Galileu a Newton, Darwin a Hegel e Marx a Einstein, todos já comprovados pela ciência, mas desprezados e pouco entendidos.

Isto é, ou apostamos na razão e fazemos dela nosso grande guia ou caminharemos rapidamente para o abismo e nele cairemos, numa viagem talvez sem volta. O homem precisa entender e aceitar imediatamente suas últimas grandes descobertas. E sair já da rota em que está, de colisão com a razão, se deseja seguir em evolução e sair da decadência em que se encontra, avançando para um mundo melhor.

Essa é, portanto, nossa maior tragédia: a não-aceitação e a não-aplicação prática de algumas leis gerais e princípios básicos que a ciência já identificou e comprovou com muita propriedade e clareza, mas que o homem se recusa a adotar ou fazer uso, muitas vezes os ignorando por completo.

Essa alienação – determinada evidentemente pelo social que aí está e que nós mesmos urdimos e reproduzimos todos os dias –, nos tem deixado impotentes e sem forças para uma ação mais efetiva de combate ao período de trevas que ora atravessamos.

Se continuarmos relutando em aceitar essas verdades, jamais conseguiremos entender por que a vida de hoje, e tudo o que é do homem, são mesmo determinados pelo capital. Também não compreenderemos por que o mundo em que vivemos está invertido. Apenas aceleraremos a marcha para o fim, quando já deveríamos há muito tempo ter optado por iluminar o caminho.

A humanidade agoniza em desespero e, apesar de já ter todas as saídas nas mãos, descobertas pela ciência, continua sua saga obscurantista, como fazem meu pai, minha mãe, minha mulher, meus filhos, o homem comum e nossos mais brilhantes intelectuais, cientistas e celebridades, de Millôr Fernandes a Arnaldo Jabor, passando por comediantes como Jô Soares e jornalistas como Diogo Mainardi.

É como se estivéssemos dentro de um carro desgovernado que a qualquer instante pode chocar-se com uma força contrária muito poderosa, destruindo-se por completo, e não tentássemos fazer nada.

Sim, é preciso repetir: os caminhos possíveis para sair desse marasmo atual, com viabilidade já comprovada cientificamente, estão todos descobertos. Os maiores problemas da humanidade e a solução para eles também já estão amplamente identificados, até porque, dizia Karl Marx (1818-1883), o homem nunca se coloca problemas que não consegue resolver, além do que todo problema, quando surge, já contém em si mesmo sua própria solução.

Isto é, não há trava nem cofre perfeito. O ladrão sempre dá um jeito de examiná-los e estudá-los por dentro. Logo trata de decodificá-los e desvendá-los. Consegue identificar todos os seus segredos, decifrando-os com facilidade. Assim é também com nossos problemas.

Só que a humanidade – a exemplo de meu pai e minha mãe – insiste em continuar ignorando as respostas encontradas para nossas grandes indagações, em especial para as mais cabeludas: de onde viemos, o que realmente somos e para onde vamos. A humanidade já foi até aí, ou melhor, já superou essa etapa, mas o homem não se familiarizou com elas ainda nem as assimilou. Pior, distanciou-se delas e as perdeu de vista.

Não por culpa de nenhum indivíduo em especial, mas por força mesmo do social que aí está. Enquanto isso, o tempo foi passando, e os indivíduos, hoje mais alienados do que nunca, em vez de tentarem abraçar de vez a razão, continuam se deixando guiar pelo seu oposto, a desrazão.

Há um equívoco generalizado a respeito de tudo. Mesmo as maiores inteligências não sabem ainda o que são o Estado, a política, as leis e o direito, a polícia, as ciências, a filosofia, a fome, a criminalidade, o salário, a arte, tudo. Isto é, não sabem o que é a realidade.

Ainda não entenderam, por exemplo, que o Estado e a política, em vez de serem instituições de defesa dos fracos e oprimidos (do povo), equívoco no qual a maioria acredita, são apenas instrumentos sociais que fazem uso da força e da violência para nos impingir e fazer valer determinadas situações e formas de vida totalmente irracionais. Inclusive, é por isso que o Estado e a política receberam o nome de “poder”.

O Estado que temos hoje aí está somente para nos impingir, a qualquer preço, a relação empregador-empregado, determinante nos dias de hoje. E para fazer com que a aceitemos de cabeça baixa, como um dado natural da condição humana. Mas a ciência já comprovou que essa relação – uma forma moderna de luta de classes – não é natural, é transitória e tem sido a grande responsável por toda a problemática humana atual.

É difícil de aceitar isso porque não parece que seja assim. Mas é. A ciência já o comprovou fartamente. Mas poucos chegaram lá. Se conseguirmos explicar direito como e por que o Estado e a política de hoje são apenas meros instrumentos de conservação da relação empregador-empregado, fica mais fácil de entender. Mas poucos conseguiram explicar isso direito. E a maioria dos que tiveram acesso à explicação, inclusive as grandes inteligências, ainda não a entendeu.

O homem em geral não compreendeu também (outro dado difícil de aceitar) que a família de hoje, em vez de ser essa instituição de conciliação entre o homem e a mulher, como é vista no planeta, é na verdade essa mesma utilização da força e da violência, como fazem o Estado e a política, para nos impor determinadas situações e formas de vida bastante irracionais.

Mas, como? A família? Aquilo que mais prezamos? É, a família. Se forem postos na mesa todos os dados que explicam e demonstram por que a família é igualmente um dado de realidade imprescindível para a conservação da relação empregador-empregado, fica fácil de entender. Mas isto também não foi devidamente explicado ainda. Além do mais, a demonstração científica de que a família é mesmo tudo isso também não chegou à maioria, nem mesmo às grandes inteligências, de tal maneira que é o mundo inteiro que ignora.

Os humanos em geral ainda não sabem, por exemplo, que o salário é um mero truque, um hediondo artifício. Não entenderam ainda o que é a mais-valia nem se deram conta de que a exploração de trabalho alheio, essa forma moderna de trabalho e produção, é o que tem posto de pé toda a sociabilidade que aí está. Não compreenderam nem assimilaram até hoje que a religião é mesmo o ópio do povo e que, já cientificamente comprovado, foi o homem quem criou Deus e não Deus quem criou o homem.

Também não perceberam que tudo o que é humano – nossa genética, nossas doenças, formas de comportamento, sonhos e desejos etc. – tem, como fonte geradora, a maneira como o homem trabalha e produz, ou seja, tem como matriz o modo de produção. Tudo isto lamentavelmente lhes escapa, apesar de já estar comprovado pela ciência. Nem mesmo o papa Bento XVI entendeu isso ainda, como deixa claro em sua última encíclica, *Deus Caritas Est*.

Hoje, a maioria imagina que todos esses dados de realidade são uma coisa e eles são outra, bem diferente. O que mais há em nós são falsas noções e convicções equivocadas. O homem, mesmo o mais preparado e inteligente, ainda não entendeu a realidade, ainda que esta já tenha sido, vale repetir, suficientemente explicada. E tem sido mesmo muito difícil entender o mundo que aí está, no qual vivemos.

Verdade absoluta: gente que respeitamos e admiramos, como nossos artistas e celebridades, os mais preparados profissionais, meus parentes mais próximos e amigos, e até mesmo os teóricos

de maior expressão, de esquerda ou de direita, ainda não alcançaram as verdades deste mundo. Falo das verdades já comprovadas cientificamente.

É fato já comprovado cientificamente: deus não existe. Ou melhor, existe, e talvez ele seja o diabo. Sim, porque, se há um criador, um deus, ele é, nos dias de hoje, a forma como os seres e objetos se comportam e lutam para resistir, marcando presença na natureza que aí está.

Nos seres vivos, entre os quais o homem, o deus que realmente existe é, já cientificamente provado (*Teoria da Evolução*, de Charles Robert Darwin, 1809-1882), a luta diária de cada espécie pela sobrevivência, ou melhor, a forma como qualquer ser vivo conduz essa luta para se manter de pé, luta que é a fonte geradora de tudo que existe e está a ele relacionado.

Com o homem, não é diferente. Pelo contrário, isto fica ainda mais claro. Dito de outra forma: na sua luta pela sobrevivência – ou melhor, na forma como luta para sobreviver, ali, diariamente, em conflito com a natureza, ou seja, no modo como produz e se reproduz para manter a espécie viva –, o homem vai criando toda a sua realidade, a sua sociabilidade, o seu mundo.

Então, o deus verdadeiro do homem (aquele que tudo cria para ele) é a forma como o próprio homem luta para sobreviver, o modo como produz para poder reproduzir-se como espécie. Em resumo, o deus do homem, aquele que tudo cria para ele, é o seu próprio modo de produção. É a forma como ele produz, a qual, à medida que vai se efetivando, vai também gerando sua realidade social, seu comportamental, sua ética e, por conseguinte, suas doenças, suas ciências, enfim, o tipo de vida que leva.

Ora, o modo de trabalhar e produzir, hoje, é o capitalista, que tem por base a expropriação de trabalho excedente não pago de uma classe de indivíduo, os empregadores, por outra, os empregados (vamos ver isso melhor mais adiante, em outros capítulos). Essa expropriação, que hoje se verifica em escala e de forma ampliada, não é outra coisa senão uma das formas mais espúrias de usurpação e violência. Pois bem. É ela que conserva, sustenta e ajuda a reproduzir o modo capitalista de produção. Ora, se é o deus verdadeiro do homem é o seu modo de produção, podemos facilmente concluir que nosso deus, nos dias de hoje, aquele gerador de tudo que é humano, é o modo capitalista de produção, em outras palavras, o capital.

Do capital (isto é, dessa prática de produzir, reproduzir e acumular capital em cima da expropriação de trabalho alheio não pago – desse “roubo” de força de trabalho que vemos acontecer a todo momento) é que emana hoje tudo o que é do homem: nossas vontades, sonhos, doenças, a criminalidade, as relações humanas, enfim, toda a sociabilidade que aí está.

No momento em que aprendemos como isso se dá na prática, no momento em que compreendemos como se processa essa coisa de o capital ser a fonte geradora de tudo o que é humano em cada época da humanidade, tornamo-nos aptos a entender a realidade.

Não é tarefa das mais simples explicar como se dá esse processo. Também não é simples entendê-lo, razão pela qual é mais difícil ainda aceitá-lo. Mas, uma vez bem explicado, torna-se inevitável aceitar que é o modo de produção o deus que determina tudo o que é do homem, pois isso de o capital ser a fonte de tudo que é humano em nossa época é, hoje, como já vimos, fato incontestável já cientificamente comprovado.

Vivemos a era do *vir obscurus*, expressão latina que Marx cunhou para designar esse homem que ainda temos hoje, alheio à sua realidade (alienado) e que ignora o que é o mundo. *Vir*, no latim, significa “homem”, “macho”, “masculino”. Tem a mesma raiz da palavra “viril”. Já *Obscurus* quer dizer mesmo “obscuro”, “pouco iluminado”, “alheio e sem brilho”, “alienado”.

O que o presente livro pretende mostrar é justamente tudo isso que a humanidade já descobriu, mas o homem ainda não assimilou ou desconhece. Mesmo grandes homens e grandes mulheres morreram como *vir obscurus*, sem ter conseguido chegar lá, de Napoleão a Freud, de Hegel a John Lennon e de Marilyn Monroe a Madre Teresa de Calcutá.

Toda a direita mundial, de George Bush pai a George Bush filho, e praticamente toda a esquerda, da mais lúcida à mais frágil, indo da sagacidade de um Lenin (Vladímir Ilyitch Uliânov/1870-1924) à ingenuidade de um Fernando Gabeira e ao despreparo de um Lula (Luiz Inácio Lula da Silva), também não conseguiram abraçar totalmente a razão nem adotá-la como guia. Meus ídolos não estão morrendo de *overdose*, como os de Cazuza, mas sim padecendo desse grande mal, que é a *viobscuridade* (neologismo nosso), fenômeno social que poderíamos perfeitamente chamar de ‘vil’*obscuridade*.

Os intelectuais que mais curto – de Millôr Fernandes e Paulo Francis, que já se foi, a Arnaldo Jabor – também não conseguiram deixar-se contaminar pela lucidez: foram e são espécimes raros, e muito bem preparados, do *vir obscurus*.

O mesmo posso dizer daqueles que já me fizeram chorar um dia, como nossos grandes atores, de Paulo Autran, que já se foi, a Fernanda Montenegro e de Antônio Fagundes e José Wilker a Lima Duarte, incluindo o falecido Raul Cortez e meu irmão Herson Capri, a quem acompanho como fã de carteirinha.

Não posso deixar de citar também, como vítimas da *viobscuridade*, nossos grandes músicos, desde Carlos Gomes e Tom Jobim até Chico Buarque de Holanda, passando por Milton Nascimento, Gilberto Gil, Edu Lobo, Rita Lee, João Bosco, Roberto e Erasmo Carlos.

Tenho de mencionar ainda nossos gênios e nossas maiores celebridades, como Oswald e Mário de Andrade, Villa-Lobos, Portinari e Oscar Niemayer, que – humanistas de mãos cheias –, não conseguiram, entretanto, escapar da *viobscuridade*, embora tenham dedicado a vida à luta contra ela.

Estão entre eles também nossos grandes escritores, tanto os do passado, de Machado de Assis a Euclides da Cunha e Graciliano Ramos, quanto os mais recentes, de Jorge Amado a Érico Veríssimo.

E encontram-se nesse rol igualmente: nossos cineastas, de Gláuber Rocha a Néelson Pereira dos Santos, de Wálter Salles Jr. a Fernando Meirelles, de Fábio e Bruno Barreto a Jorge Furtado; e até nossos maiores ídolos do futebol, modalidade que ainda pratico e amo, de Pelé, Garrincha e Maradona (que vi jogar, sentado na geral ou na arquibancada) aos irresistíveis Ronaldinho Gaúcho, Kaká e Robinho, que igualmente tenho podido acompanhar ao vivo e em cores, nos gramados.

Também não ficam atrás, como *vir obscurus* de primeira grandeza, os grandes nomes de nossa economia e a quem sempre acompanhei com admiração, de Eugênio Gudin, Octávio de Gouveia Bulhões e Roberto Campos a Mário Henrique Simonsen e Antônio Delfim Netto. Sou obrigado a incluir nessa “lista negra” até os mais preparados teóricos brasileiros de esquerda, de José Arthur Gianotti a Carlos Néelson Coutinho e Leandro Konder.

Tenho de fazer menção ainda a outros nomes da mídia, desde cientistas políticos, como Bolívar Lamounier, a jornalistas como Alberto Dines. Não posso deixar de mencionar os grandes editorialistas, de Clovis Rossi a Gilberto Dimenstein, e nossos principais articulistas de economia, que acompanho diariamente com respeito e interesse, como Joelmir Beting, Luís Nassif, Celso Ming, Miriam Leitão, Marco Antônio Rocha, Rolf Kuntz e Carlos Alberto Sardenberg, entre outros.

Digo o mesmo de nossos mais destacados comentaristas esportivos, como Armando Nogueira, Juca Kfourir, Milton Neves, Tostão, Sócrates e José Trajano, dos quais também sou fã de carteirinha. De nossos publicitários, inclusive os mais admirados e criativos, de Washington Olivetto e Nizan Guanaes a Roberto Duailibi; da maioria dos editores, repórteres, editorialistas, críticos e articulistas de nossos mais conceituados jornais e revistas, de *Veja à Isto é*, da *Folha a O Estado*. Falo, portanto, da mídia brasileira de maneira geral, seja de esquerda ou de direita. Infelizmente, todos, salvo raras exceções, estão afundados na *viobscuridade*.

Como se pode ver, até mesmo nossas maiores preciosidades são vítimas dela. Refiro-me àqueles que – contestadores ou excêntricos em maior ou menor grau, ao mesmo tempo carismáticos, misteriosos e enigmáticos, e muitas vezes contraditórios – me emocionam a toda hora e por quem minha admiração não tem limites. Entre eles, estão, como *vir obscurus* especiais, Paulo Autran, Irene Ravache, Lima Duarte, Raul Cortez, Marco Nanini, Paulo Betti, Paulo César Pereiro, Juca de Oliveira, Mário Bortolotto, José Celso Martinez Corrêa, Antunes Filho, a turma dos Parlapatões e a Cia do Latão, no teatro; Sócrates, Tostão e Vladimir, no futebol.

Acrescento à lista essa nova (e já velha, mas brilhante) geração de artistas, de quem também sou fã incondicional, formada por Guel Arraes, Fernanda Torres, Camila Pitanga, Selton Mello, Matheus Nachtergaele, Pedro Cardoso, Lázaro Ramos, Wagner Moura, no cinema; Arnaldo Antunes e Arrigo Barnabé, na música; e Marília Gabriela, na TV, entre outros.

Acompanho sempre *Manhattan Connection*, na GNT. Curto muito o papo de Lucas Mendes com Caio Blinder, Lúcia Guimarães, Ricardo Amorim e Diogo Mainardi, especialmente quando eles têm convidados bem preparados como William Waack. Mas me incomoda ver que todos eles, inclusive convidados como Waack, ainda estão perdidos na *viobscuridade*.

Falarei mais no livro sobre eles. Vi poucos programas da fase de Paulo Francis e Néelson Motta. Morava nos Estados Unidos na época (Nova York, São Francisco e Miami), até voltar para São Paulo em janeiro de 2001, após quase dez anos de América. Por isso, não tive acesso a eles. Acompanhei mais, no *Manhattan*, o período de Jabor para cá, até este dar lugar a Diogo Mainardi.

Não concordo com aqueles que vêem *Manhattan Connection* como uma operação egolátrica e colonialista de brazucas esnobes que desejam nos impingir, direto de Nova York, o sonho americano. A opinião, vinda de amigos, é muito festiva e pobre. O programa traz informações valiosas e é um dos raros momentos, na televisão brasileira, que comentam, analisam e debatem o mundo, importante nesta fase de acentuada globalização do capital.

Mas incomoda a ingenuidade de todos os comentaristas, e também de convidados como Waack: nenhum deles, ainda que profissionais competentes e muito bem preparados, conseguiu entender verdadeiramente o mundo e a vida.

Todos nos oferecem aquela visão comprometida e completamente equivocada, típica do *vir obscurus*, a respeito do Estado, da política, da polícia, da religião, da família, da ciência, da arte etc., normalmente forjada a partir da mera aparência dos fatos, seres e objetos. E nenhum deles se deu conta disso. Nem mesmo Paulo Francis, Arnaldo Jabor e Néelson Motta.

Também incluo com pesar nesse rol de *vir obscurus* meus amigos mais próximos, como os jornalistas Itaboraí Martins, Marcos Ommati e Assef Kfourri, que já se foi, e ainda o poeta Rui Werneck de Capistrano, o ator e publicitário Antônio Sérgio Busnardo, o marqueteiro Alex Reiter e o pesquisador Hilton Dominczak (Hiltão).

Tenho de lamentar ainda que estão nessa turma que não acaba mais aqueles que me ensinaram a fazer jornalismo, e a quem sou muito grato, pois a eles devo boa parte de tudo o que sei, como Ludenbergue Teixeira de Góes, Luiz Carlos de Oliveira Ramos, Clóvis Rossi, Raul Martins Bastos, Ricardo Kotscho, Teixeira Heizer, Darci Higobassi, Michel Laurence, Reginaldo Leme, João Prado Pacheco, Ney Craveiro, que já se foi, e Paulo Stein.

E com tristeza acrescento, no caldeirão da *viobscuridade*, aqueles que me foram e são mais íntimos: pai, mãe, mulher, ex-mulheres (Isabela, Din, Mena, Fafá, Serê, Vivi, Grace e até mesmo Adélia, minha doce companheira), os filhos, irmãos, tios, primos (como Lennon) e sobrinhos (como Vinícius e Guilherme), todos infelizmente ainda mergulhados na *viobscuridade*.

Dito tudo isso, é de supor que, como Nietzsche, eu também “me ache”, buscando uma expressão hoje muito em voga e bastante utilizada pela minha filha mais nova, Cheyenne (13 anos em 2006), quando se refere a alguém que se acha o máximo. Devo adiantar que não é o caso.

Em outubro de 1888, depois de já ter elaborado a maior parte de sua obra, Nietzsche escreveu *Ecce Homo*, uma espécie de autobiografia. Concluiu-a em três semanas. Sentia-se incompreendido e pouco ouvido. Achava haver uma “desproporção entre a grandeza de sua alma e a pequenez de seus contemporâneos”. Por isso, decidiu dizer ao mundo quem realmente era.

Nesse livro, os três primeiros capítulos ganharam os seguintes títulos: Por que sou tão sábio, Por que sou tão sagaz e Por que escrevo bons livros. Os admiradores dizem que Nietzsche escreveu *Ecce Homo* já em meio à megalomania e aos primeiros sintomas da loucura que o acometeria menos de três meses mais tarde, em janeiro de 1889, da qual não se livraria até morrer, em agosto de 1900.

O internauta já deve estar até me olhando de esguelha, achando que me sinto como Nietzsche e me considero o maior até mesmo do que a girafa, inscrição que o poeta português Bocage desejou que constasse em seu epitáfio.

À essa altura, já deve estar até mesmo me vendo também como aquele que sabe tudo, os outros é que não sabem nada. Enfim, que, como Buda, atingi o nirvana da sabedoria, esse estado de graça da consciência ainda desconhecido do homem comum e não experimentado pela maioria dos humanos. Errado.

Sou apenas um narrador de descobertas dos outros. Descobertas que são essenciais para a humanidade. A ciência já as havia feito bem antes de eu ter nascido, só que a maioria dos humanos ainda as desconhece. Não é de hoje que o homem tornou-se alienado e ignora todas elas, mais do que isso, ignora que ignora.

Portanto, o que estou propondo aqui – abraçar a razão como guia – não é novidade nem mérito ou exclusividade minha. É proposta antiga, posta já há muitos séculos pela humanidade, antes mesmo de Sócrates dizer, quando discorreu sobre a tragédia, que “uma obra só é bela se obedecer à razão”.

Essa minha proposta foi inclusive reiterada, contra os entusiastas da fé, até mesmo pelo próprio Nietzsche, quando disse: “A fé é querer ignorar tudo aquilo que é verdade”. Sim, Nietzsche foi outro que também se desgarrou da razão e acabou se perdendo em falsas noções, como veremos em outros capítulos, mais adiante.

Fato é que todas as grandes descobertas ainda não foram suficientemente narradas, divulgadas nem adotadas, por razões sociais claramente definidas, daí que ainda não chegaram às consciências do mundo. Mas precisam chegar.

Coube a mim apenas, entre tantos outros que existiram ou ainda estão por aí na luta, ser mais um porta-voz da razão. E o faço sem nenhuma modéstia ou humildade, até porque estas duas adjetivações correspondem na verdade à grande virtude dos fracos, como dizia Jean-Paul Sartre.

“*Importuna razão, não me persigas*”, diz Bocage em um de seus sonetos. O poeta português quer crer que a razão, com sua “ríspida voz”, não doma a lei do amor nem a força da ternura. Ela é impotente para isso. E que, conhecendo o mal, ela (a razão) também não dá ao mal a cura. Daí Bocage enfatizar no final do soneto: “*Deixa-me apreciar minha loucura/Importuna razão, não me persigas.*”

Esses versos (que prenunciam o romantismo como movimento literário – Bocage é um dos pais do romantismo), ao rejeitarem a razão, expõem o *vir obscurus* fortemente arraigado na consciência do poeta português.

Bocage não é o único poeta desfigurado pela *virobscuridade*. Há outros, muitos outros, inclusive meus amigos poetas. Vamos deixar nos embalar por eles? Não, muito pelo contrário! Temos de gritar para que a razão nos persiga e nos livre, sim, da tortura e da loucura que nos impõe a vida moderna.

O mundo de hoje é o da violência, não só a das ruas, mas a presente na prática da usurpação diária e em escala de trabalho não pago (mais-valia). Este, sim, é o mal maior da humanidade e do qual precisamos nos livrar o mais rápido possível. Para tanto, o único caminho é o da razão. E da provocação.

Contra o conformismo do romântico Bocage, precisamos opor a força do conhecimento. Para Bocage, todo sofrimento acaba quando chega a morte. Por isso, a morte é a única verdade, daí que, diz o poeta, nada podemos fazer a não ser aceitar as coisas como são e esperar pela morte, pois assim é a vida.

Não. Definitivamente, não! Que a razão seja nosso guia!

Outro dia, encontrei na Internet a seguinte frase de Roberto Duailibi, que, a exemplo de todo bom publicitário, é outro *vir obscurus* de boa cepa, só que por este tenho especial apreço e simpatia (nunca o vejo de mau humor): “O único idiota maior do que a pessoa que sabe tudo é aquele que discute com ela.”

Não se trata aqui de saber tudo, que fique bem claro. Mas sim de propagar as poucas mas essenciais descobertas que o mundo já fez e que ainda não foram suficientemente narradas nem apreendidas, inclusive por Duailibi.

Também não estou aqui fazendo patrulha ideológica, na medida em que não pretendo defender nenhuma idéia ou doutrina nem fazer com que a humanidade assuma ou passe a seguir determinada postura ideológica. Não. É patrulha, sim, mas não ideológica e tem um alvo certo: a humanidade precisa entender, assimilar e pôr em prática as grandes descobertas, tenho de repetir, pois isto é necessário à sua sobrevivência, nos dias de hoje.

Fato é que não só os comuns e gentis mortais, como eu, mas até os notáveis, as celebridades e as inteligências – romancistas, poetas, teóricos, pensadores de renome, políticos de direita ou de esquerda – também padecem desse terrível mal: a *viobscuridade*, que é sinônimo de alienação, de ignorância mesmo.

O ator e escritor Antonio Calloni, da Rede Globo, disse em entrevista ao *Antologia Pessoal*, seção do Caderno 2 do jornal *O Estado de S. Paulo* (1º/1/2006), que não perde tempo em ler “autores que querem passar alguma mensagem, apontar caminhos para o bem, definir o mal, ou que têm a pretensão de responder a questões sobre a vida, o amor...”

Olhe aí a *viobscuridade* impondo-se sem cerimônia. Tem razão Calloni quando deixa claro, nessas suas palavras, que não é papel da arte ser “má mensageira” nem proselitista. São mesmo muito chatos e pretensiosos esses romances que nos tentam impingir mensagens, ainda mais quando elas saem do jardim florido da imaginação do autor e não têm nenhum pé na realidade.

Mas a boa arte, já dizia Pablo Ruiz Picasso (1881-1973), é sempre uma mentira (porque é ficção) que nos faz ver uma verdade. E esses autores rejeitados por Calloni, ainda que o façam pela via mais inadequada, impondo-nos mensagens, não deixam de estar buscando as verdades deste mundo. E isto é no mínimo uma virtude.

Ao contrário, Calloni não deveria pôr de lado esses autores nem a razão, como faz o poeta Bocage, mas sim ciscar mais nesse nicho para ver se acha algo de bom nele. Com certeza, há entre esses autores por ele rejeitados aqueles que, na sua ficção, nos fazem enxergar algumas verdades. Especialmente quando são verdades sobre a vida e o amor, das quais Calloni quer tanto fugir.

Ora, existem autores que têm a pretensão de responder a questões sobre a vida e o amor, e sabem como fazê-lo, sem ser “maus mensageiros” ou “proselitistas da verdade”. Não fazem uma arte discursiva de prosélitos, pelo contrário, trazem enorme contribuição para o restabelecimento da verdade. E essa é a grande função da arte, que me perdoe Calloni, com o que poucos concordam e só alguns alcançaram até hoje.

Mais: toda a verdade sobre a vida e o amor já foi desvendada pela ciência, ao contrário do que imagina Calloni. Só que ainda não chegou ao *vir obscurus*, entre os quais estão o próprio Calloni, Jabor, Waack e todos os aqui citados. Mas a verdade precisa chegar a eles, não importa se pela via do romance ou por outra qualquer.

A *virobscuridade* de Calloni aparece justamente quando ele demonstra não estar, como o poeta Bocage, interessado nas verdades da vida e do amor, porque não acredita que elas existam. Ou melhor, quando dá a entender, pelas suas palavras, que não há como compreender a vida e o amor. Quando diz que os autores não devem ter essa pretensão e perdem tempo ao tentar passar a seus leitores verdades e mensagens.

Esse equívoco lamentável de Calloni é contraditado pelo próprio ator ao final da entrevista, quando diz que a virtude que mais preza na literatura é a provocação. Ora, o que é a provocação se não o melhor instrumento de que dispõe a arte para nos fazer ver verdades, inclusive as da vida e do amor?

Em vez de ser um dado secundário e irrelevante, ou mais um sintoma do mal, como querem alguns, a busca da verdade sempre foi uma necessidade do homem, logo, da arte. Sempre foi algo do qual o homem não pode prescindir. Nos dias de hoje, é até mais do que isso. É um imperativo, seja na arte ou no mais chato texto teórico.

Mas de onde vem a *virobscuridade*? Eis aí o mote do presente site. Na verdade, é sua meta principal: ir às raízes da ignorância e do obscurantismo, para mostrar de onde eles vêm. Trazer à tona verdades, inclusive sobre a vida e o amor, das quais Calloni tanto foge, todas já comprovadas cientificamente, e fazê-las vingar.

Por exemplo, este site vai mostrar que a *virobscuridade* tem como fonte geradora (como causa), nos dias de hoje, o modo de produção capitalista, isto é, o capital. Vai mostrar também como isto se processa no social, ou seja, como a *virobscuridade* se forja na realidade objetiva. E chega até aí deixando-se conduzir unicamente pela razão e pela ciência.

Mais: o site pretende também, vale repetir, apresentar as provas já encontradas pela ciência para demonstrar que, na atualidade, é mesmo o capital a causa não só da *virobscuridade*, mas de tudo que diz respeito ao homem, desde nossa genética e nossas doenças até as formas de comportamento que adotamos.

Você vai ver, amigo internauta, que as explicações e as provas científicas apresentadas são convincentes. E que mesmo assim será difícil curvar-se diante delas e aceitá-las. Cito apenas um exemplo para mostrar que as coisas continuam funcionando dessa forma e que ainda relutamos em mudar a cabeça, em dar um chega pra lá em nossas velhas e deformadas convicções e em aceitar as verdades. Vamos à origem da *virobscuridade*, que voltaremos a abordar melhor e com mais detalhes em outros capítulos mais adiante.

Tão logo a humanidade se dividiu em classes, surgiu esse homem de hoje, que ignora, enfim, o homem alienado, o *vir obscurus*. Como isto aconteceu? Assim: os espaços territoriais tornaram-se escassos nas sociedades primitivas, principalmente em algumas regiões da Europa, por causa do inchamento populacional. Não havia propriedade privada na época e as sociedades eram tribais e comunais. Começam nesse momento as lutas intertribais pela conquista dos espaços então escassos.

Assim que garantem as conquistas, as tribos conquistadoras não têm outra saída senão escravizar os homens e as mulheres das tribos conquistadas. Precisam manter os povos conquistados sob vigilância, para que não se revoltem e fujam nem se dispersem e tentem reconquistar os espaços que lhes foram usurpados. Assim, os conquistados são obrigados a se submeter ao trabalho escravo, necessário aos conquistadores e que passa então a ser usual.

Para que tal situação, nova na humanidade, se conserve, torna-se necessária a criação de instrumentos sociais de coerção e coação, sem o que não há como exercer controle sobre os conquistados. Nasce então a polícia, o Estado, as leis, a política, enfim, o poder e as instituições que vão permitir manter os povos conquistados submissos e afeitos ao trabalho escravo. Aos poucos, a escravidão vai se transformando em algo natural e perfeitamente aceitável até pelos próprios escravos.

Gerações vão se sucedendo e outras nascendo já em meio a essa nova forma de trabalhar e produzir, a escravidão, e passam a tomá-la como se fosse algo de natural. Até então, o homem era livre e ia à natureza para garantir com seu trabalho a sobrevivência, ora pescando, caçando e colhendo vegetais, frutos e raízes, ora criando animais, plantando ou produzindo para o próprio consumo. Tudo em seu próprio proveito e dos seus, típica situação da sociedade comunal da época.

Agora que existem o senhor e o escravo, este é obrigado a ceder a seu dono sua força de trabalho – a mesma que usava para ir à natureza e sobreviver –, em troca de alimentos, teto e segurança que ele mesmo produz quando trabalha como escravo para seu senhor. Portanto, é o próprio escravo quem produz os alimentos e o teto que lhe serão dados em troca do trabalho que despendeu, da mesma forma que é o próprio trabalhador quem, com o dispêndio de seu trabalho, produz os valores que irão servir para pagar o próprio salário.

O indivíduo que trabalha não luta mais, na natureza, em meio a suas condições objetivas de trabalho, para garantir diretamente a própria sobrevivência. Agora, ele produz para outro, para seu senhor. E o que recebe em troca lhe garante apenas continuar vivo, como escravo.

O trabalho tornou-se chato, monótono, repetitivo. O homem foi transformado num objeto (*coisa*) que cede sua força de trabalho para outro e não tem mais a posse nem direito nenhum sobre aquilo que produz e que deixou de lhe pertencer. É uma verdadeira máquina que produz.

Agora, o homem não mais trabalha para si e para os seus (para a sobrevivência da espécie), mas somente para outro, e por obrigação, pois não encontra no social outra forma de sobreviver. Não é mais dono dos meios de produção, afastado que foi, pela força e pela violência, de suas condições objetivas de trabalho.

Nesse momento da história humana, ele trabalha para outro, isto é, depende força de trabalho para proveito de terceiros como escravo. Até então, seu trabalho era uma fonte de enriquecimento espiritual que o tornava cada vez mais homem, uma vez que era justamente no trabalho que os indivíduos faziam suas descobertas. Inventavam o machado, o arco e a flecha etc., enfim, todos seus instrumentos, e davam nomes aos mesmos. Assim, ia evoluindo.

Foi nesse tipo de trabalho e de produção que o homem desenvolveu a linguagem e aprendeu a se comunicar, criando a palavra. A comunicação havia se tornado uma necessidade. Assim o homem continuava sua marcha, desenvolvia as potencialidades e o caráter, crescia em todas as direções e fortalecia a espécie.

Tão logo foi afastado (alienado) de suas condições objetivas de trabalho e passou a se concentrar em poucas e monótonas atividades pela força, o homem deixou de experimentar esse enriquecimento.

Pior, apoucou-se e tornou-se aquele ignorante que considera natural e usual até sua própria condição de escravo. Para as novas gerações, esse era o destino que a vida lhes havia reservado.

É nesse momento que nasce o *vir obscurus*, o homem ignorante que tem sua força de trabalho explorada por outro e que não sabe mais o que está se passando na realidade. Um homem que via como usual, natural e aceitável trabalhar para outro, em meio aos revoltosos, que eram exceções.

Até hoje, é assim: não só o homem comum, mas as inteligências e celebridades também consideram perfeitamente natural e não vêem nada de errado em um homem trabalhar para outro.

Acham que o salário remunera satisfatoriamente o trabalho alheio e que, portanto, sua exploração é legítima. Eis a maior cegueira do *vir obscurus* de nossos dias.

O trabalho primitivo permitia ao homem situar-se em sua realidade e fazia dele um ser consciente. Quando saía para o trabalho, ele tinha bem claro que para ali ia a fim de garantir a sobrevivência, sua e a dos seus. Tinha em mente que controlava os meios de produção, entre os quais seus instrumentos, e que era livre para produzir dentro de suas condições objetivas de trabalho e para desfrutar do resultado de seu trabalho.

Tudo que aprendia trabalhando (e que o enriquecia espiritualmente) era partilhado com os semelhantes, uma vez que os indivíduos estavam unidos em torno de um único objetivo, a preservação da comunidade e da unidade da tribo, e, portanto, de toda a espécie.

Cada descoberta só vinha a fortalecer a humanidade, na sua luta para superar a natureza, pela sobrevivência. Daí que todos se enriqueciam (isto é, a espécie humana) com a menor descoberta no trabalho.

No momento em que passou a fazer uma coisa só todos os dias, horas a fio, como carregar tijolos etc., para terceiros, seja no trabalho escravo, servil ou assalariado, o homem perdeu este que era seu bem mais precioso: a liberdade para trabalhar onde bem entendesse em proveito próprio.

O homem teve de se desprender de seu antigo vínculo com a natureza, na qual despendia diretamente suas energias, para se entregar à rotina e à mesmice do trabalho nada enriquecedor explorado por outro.

Dissociou-se, ou melhor, alienou-se da realidade que o supria com informações novas todos os dias. Distanciou-se daquilo que lhe dava vida e garantia sua subsistência. Com o passar do tempo, essa nova forma de trabalho e produção só podia levá-lo a perder a noção de tudo. A não mais entender nem mesmo seu papel no mundo. O homem deixou de ter objetivos, como garantir a sobrevivência da espécie, e de entender o real significado de sua existência.

Os conhecimentos que vinham normalmente de sua atividade diária no trabalho, e o enriqueciam, ele teve de buscar na escola, que se tornou necessária, só que nunca lhe supriu devidamente de conhecimentos, até porque é enfadonho ter de estudar para aprender.

Com o tempo, essa nova forma de trabalhar e produzir, polarizada entre o proprietário dos meios de produção (o dono) e o trabalhador, seja na sociedade dos escravos, dos servos ou dos assalariados, foi perdendo todos os vestígios que possibilitavam perceber sua verdadeira origem.

Em nenhum local de trabalho, no mundo de hoje, está escrito em algum lugar que o trabalhador encontra-se ali só para despendar trabalho a mais que nunca lhe é pago (mais-valia) e lhe é usurpado todos os dias, pelo empregador.

Em suma, com o advento da sociedade de classes, toda a humanidade se alienou. E se perdeu, ainda que tenha conhecido um enorme avanço, na criação de bens materiais. O primeiro sinal da alienação foi deixar de entender por que os indivíduos tinham de se submeter à nova forma de trabalho e de produção, essa exercida por duas classes em conflito e que aos poucos foi se tornando dominante no planeta, primeiro na forma escrava, depois servil e por fim assalariada.

O elo conflitivo com a natureza que garantia ao homem a vida e o enriquecimento espiritual dissipou-se, e o indivíduo tornou-se um *vir obscurus*, ou seja, um ser limitado, o que faz da alienação um fenômeno típico da sociedade de classes. É por isso que o assalariado de hoje não passa de um escravo moderno, na medida em que produz muito mais para o empregador do que aquilo que recebe de salário, o qual em geral mal garante sua subsistência.

Mesmo que o trabalhador garanta ao empregador, por exemplo, um retorno mensal de um milhão de dólares com o que produz, normalmente não recebe mais do que mil dólares de salário por mês por tudo isso que produziu. Por essa razão, o salário é truque, artifício. É aquela quantia

simbólica que paga apenas pelo uso da força de trabalho, nunca pela quantidade e pela qualidade do que o trabalhador efetivamente produz.

Da mesma forma que o senhor dava em troca a seu escravo teto, alimento e segurança, para que este lhe erguesse uma pirâmide, o empregador dá hoje em troca apenas um salário para que o trabalhador produza muito mais e lhe garanta um retorno muito superior, em valores, ao que este recebe por mês. (Nos próximos capítulos, vamos ver que é o próprio trabalhador quem gera os valores que possibilitam ao empregador pagar o seu salário).

Foi justamente esse novo modo de trabalho e produção pelo qual enveredou a humanidade ao dividir-se em classes – seja na forma escrava, servil ou assalariada –, que acabou por gerar o novo tipo de homem que temos hoje: alienado, inconsciente e para quem a vida é assim mesmo.

Para esse homem, é da condição humana – portanto, algo de natural, usual e aceitável – ser empregado ou empregador, trabalhar para outro ou pôr outro para trabalhar em proveito próprio. Ele acha que, por força divina, uns nascem para ser empregadores, outros para ser empregados, e há ainda os que nascem para ser desempregados.

Então, a alienação está hoje globalizada. E atinge não só o mais simples e despreparado dos mortais, mas também os poetas, os notáveis e as grandes celebridades. Ainda são raros os que hoje no planeta enxergam a *virobscuridade* (a alienação) dessa forma como está sendo exposta aqui.

A maioria entende que a alienação tem origem na burrice atávica e genética ou na falta de estudo desta ou daquela individualidade. Não sabe que mesmo a má formação genética, no indivíduo, tem origem no social, ou seja, na história que tiveram socialmente seus antepassados e que acabou por urdir socialmente toda a carga genética que cada um herda.

Portanto, ninguém (nenhuma individualidade) tem culpa de ser alienado! Se existem burrice, QI baixo e estupidez no mundo, a responsabilidade é do social (da alienação), que todo dia, por estar como está, urde maquiavelicamente o *vir obscurus*, já que urde a deformação.

No momento em que terminava estas linhas (2006), recebi um *e-mail* – feliz e bem-humorada coincidência – ótimo para ilustrar esse fenômeno da *virobscuridade* (não chequei para comprovar sua veracidade, mas mesmo que seja falso é válido, pois sabemos muito bem que é assim mesmo que as coisas acontecem). Veja a que grau chega a alienação:

*Questão na prova final do Colégio Objetivo-SP, terceiro ano: “Faça uma análise sobre a importância do Vale do Paraíba”. A resposta do aluno: “O Vale do Paraíba é de suma importância, pois não podemos discriminar esses importantes cidadãos. Já que existem o Vale-Transporte e o Vale do Idoso, por que não existir também o Vale do Paraíba? Além disso, sabemos que os Paraibas, de um modo geral, trabalham em obras ou portarias de edifícios e ganham pouco. Então, o dinheiro que entra no meio do mês (que é o Vale) é muito importante para ele equilibrar sua economia familiar.”*

Aí está a *virobscuridade*. Parece óbvio que esse homem reduzido à condição de burro de carga – e que trabalha incansavelmente para seu empregador sem ser devidamente pago, porque tem sua mais-valia todos os dias expropriada – só pode ser menor, inferior, limitado, apocado e ignorante, isto é, um *vir obscurus* que só pode enxergar dessa maneira o Vale do Paraíba.

O homem só avança quando se relaciona com o outro porque é gênero, espécie, isto é, é ser social. Na sociedade moderna, de talhe capitalista, ao contrário, o homem só se relaciona com o outro como empregador ou como empregado. E geralmente um competindo com outro, seja apenas como empregador ou apenas como empregado. Por isso, não evolui nem progride naquilo que tem de essencial. É um solitário, mesmo ao lado dos seus, do parceiro, dos filhos, dos entes queridos.

O outro não lhe diz respeito nem lhe interessa a não ser como empregador ou como empregado. Ninguém faz mais nada pelo outro, já que fazer algo por um irmão deixou de ser fazer algo para si mesmo, como acontecia nos primórdios da humanidade, nas sociedades que antecederam as classes e que ainda não usurpavam nem exploravam a força de trabalho alheia.

É por isso que o homem moderno é um homem invertido, ou melhor, o não-homem (o *vir obscurus*) que nada mais produz à comunidade que possa fortalecer a espécie e a si mesmo. Nem tem outra escolha. Produz apenas trabalho a mais não pago que garante lucros a seu empregador. Ou, se estiver do outro lado, usurpa trabalho a mais não pago de outro para fazer capital e obter lucros. E tanto um quanto outro deve agradecer por se encontrar numa dessas situações antagônicas, porque estar desempregado, a terceira e última opção que lhe resta, significa enveredar pelo pior dos mundos.

Não é à toa que o homem moderno se tornou egoísta e só olha para o próprio umbigo. Não é embalde que nada mais lhe interessa, a não ser ganhos pessoais. O outro, o irmão, nada mais significa para ele nem lhe diz respeito.

Fácil entender por que esse homem (que, já vimos, é um não-homem, posto que se trata de um *vir obscurus*) está insatisfeito, infeliz e angustiado, condenado à vida sedentária, monótona e sem sentido. Entende-se porque esteja afeito à depressão, à loucura, ao suicídio, ao crime, a essas novas doenças que surgem todos os dias e frequentemente nos matam.

Por que estranhar que recorra a Jesus, Maomé, Buda, Edir Macedo, Luiz Antônio Gasparetto ou ao Santo Daime, ao *crack*, ao êxtase e à cocaína, já que se colocou também em conflito com seu semelhante? Como achar estranho que viva no mundo da mentira, da fofoca, da delação, da espionagem, dos pecados capitais, dos gaviões e passarinhos, dos tubarões e peixinhos?

A sociedade de classes produziu esse novo homem, o alienado, que padece vítima de sua própria ignorância, e é incapaz de entender a realidade, além de ser impotente para mudá-la, seja ele opressor, seja ele oprimido. A espécie humana perdeu o que mais necessita todos os dias para se conservar e sobreviver: segurança e certeza, como a que tanto precisa depositar nas coisas.

Místico ou não, empregador ou empregado, inteligente ou medíocre, o homem é hoje um incrédulo. Não acredita mais na razão, em ninguém. Mesmo em Deus acredita não acreditando, pois sente que não lhe deve mais devoção. Claro, se a vida é isso – essa recorrente usurpação de trabalho a mais não pago (mais-valia), ainda por cima aborrecido, obrigatório e escravizante, pois sem ele não se sobrevive atualmente –, como acreditar na razão?

O que há de racional nessa prática? O que há de inteligente nessa forma de trabalhar e produzir? Ou nesse social que o modo de produção atual forja? Nada. O homem de hoje – ou melhor, o *vir obscurus* – só pode, por isso, estar atrelado às incertezas, na medida em que elas o perseguem e se infiltram por todos seus poros.

Grandes pensadores como Nietzsche caíram na *viobscuridade*, ou seja, na irracionalidade e no ceticismo, e foram seguidos por milhões. Para eles, não existem verdades absolutas, apenas pontos de vista, dúvidas, incertezas e obras do acaso. Tudo no seu entender é relativo, o homem não alcança nunca a essência das coisas, a vida é um caos. Ou melhor, “um conto de fadas narrado por um idiota cheio de voz e fúria, e que não significa nada”, no dizer do Macbeth de Shakespeare.

Mas todos eles se traem quando percebem que, para se manter vivos, precisam de certezas, certezas em tudo, até nos mais simples gestos, como tomar um refrigerante. Quem não abre a latinha antes, não toma. Então, é preciso ir à latinha munido da certeza de que devemos abri-la para poder tomar. Portanto, munidos da razão e de verdades absolutas.

Nossa doce Clarice Lispector (1920-1977), ucraniana de origem, a mesma do magistral *A Hora da Estrela*, romance que conta a saga da alagoana Macabéa na cidade grande (transformado

em filme em 1985 pela diretora Suzana Amaral), fez jorrar toda sua *virobscuridade* certo dia, em uma única frase: “A vida se me é, e eu não entendo o que digo. Então, adoro.”

Artigo de José Castello, no *Caderno 2* (Cultura) do *Estadão* (19/2/2006), a respeito de um possível *revival* da obra do romancista e dramaturgo Caio Fernando Abreu (1948-1996), expôs sem perceber toda a *virobscuridade* desse gaúcho de Santiago do Boqueirão que a aids levou um dia. A chamada no alto de página diz: “Por sua visão radical da literatura, Caio Fernando Abreu é, ainda hoje, dez anos após sua morte, um escritor que não se deixa classificar, com sua obra ligada ao acaso e desligada das certezas”. São de Caio estas duas afirmações:

“Continuo a pensar que quando tudo parece sem saída, sempre se pode cantar. Por essa razão, escrevo.”

“Não tenho opiniões definitivas. Não é insegurança, é abertura.”

Aqui entre nós, na boa, sem ofensa: até os gênios padecem do mal da *virobscuridade*. Por que não nós, simples mortais? Todos os livros sagrados e escrituras, da Bíblia ao Pentateuco ou do Alcorão ao Bhagavad Gita, são marcados pela cegueira.

Existem hoje muitos casos particulares de *vir obscurus*, isto é, *vir obscurus* de diferentes cores e formatos. Mas todos apresentam os seguintes traços, que são invariantes nas pessoas e compõem o universal “*vir obscurus*”:

- 1 – ignoram, e ignoram que ignoram (são alienados);
- 2 – deixam-se pautar somente pelo que aparece (aparência) dos seres, objetos e fenômenos sociais ao formar opinião a respeito deles;
- 3 – não percebem que suas convicções e opiniões são normalmente falsas e equivocadas, e também não conseguem mudar a cabeça para chegar a uma auto-crítica;
- 4 – mesmo sendo ateus (não religiosos), não acreditam em verdades, são irracionalistas e céticos;

Por exemplo, grandes cientistas como Stephen Hawking ainda não conseguiram perceber que a ciência contemporânea é toda ela determinada e conduzida (direta ou indiretamente, e ainda que por caminhos tortuosos) pelo capital e que, por isso, seus resultados nos chegam carregados de limitações.

Os cientistas também ainda não perceberam que a ciência atual, que não é ciência autêntica, só alcança as grandes descobertas, essas que trazem efetivos benefícios à humanidade, por acaso. Sim, porque seus grandes achados se resumem, hoje, ao desenvolvimento e à criação de novos tipos de mercadorias, e que precisam ser sucesso de venda. Portanto, atendem unicamente a interesses e necessidades do capital. Mesmo quando o homem chegou à Lua, um dos resultados da Guerra Fria, a ciência que garantiu tal conquista foi toda movida e determinada pelas forças e necessidades do capital.

Economistas como o ex-deputado e ex-ministro Antônio Delfim Netto, hoje a maior autoridade brasileira em política monetária e a quem admiro pelo seu preparo, ainda não sabem que a economia que aí está, com a qual lidamos todos os dias, não é ciência, mas sim mero instrumento de amparo e defesa do capital.

Essa percepção equivocada do ex-ministro aparece em tudo que ele escreve e na maioria esmagadora dos textos e comentários de economia. Por exemplo, em sua coluna *Sextante*, da revista *Carta Capital* (edição de janeiro de 2006, número 377), quando, em artigo sob o título de *O Santo Graal*, ele discorre sobre a busca da fórmula mágica (o Santo Graal) para “salvar e santificar a política monetária”.

A palavra *graal*, de origem medieval, significa cálice. O Santo Graal (ou Sangraal) seria o cálice sagrado utilizado por Jesus na Última Ceia. Seria também o mesmo cálice no qual José de Arimatéia teria colhido o sangue escorrido do corpo de Jesus, após este ter sido lancetado pelo centurião Longino durante a crucificação. Apesar das incessantes buscas ao longo da história, o cálice ainda não foi encontrado nem se comprovou se realmente existiu.

Achar o Santo Graal, diz a lenda, seria encontrar a solução para todos os enigmas, segredos e mistérios. Daí ter-se tornado também expressão comum, hoje usada no mundo inteiro e que significa encontrar algo que é muito procurado e que, por ser poderoso, pode ser a solução para todos os males.

Nesse seu artigo, Delfim Netto aborda justamente essa busca obsessiva dos economistas contemporâneos pelo Santo Graal da política monetária. Fala do número abundante de teorias que hoje compõem a “ciência econômica”.

Refere-se a teorias que já foram suficientemente experimentadas e que, no entender dele, se revelaram verdadeiras, “a despeito dos ferimentos de batalha” quando postas em prática. Menciona também as teorias que já pereceram e, ainda, as que, mesmo sem terem sido “submetidas à tortura empírica” (à experimentação e aos testes práticos), conseguiram sobreviver.

Fica mais do que claro que se trata de uma abordagem a respeito de uma ciência que o ex-ministro considera verdadeira, eterna e já consagrada: a economia. Na abertura do artigo, ele diz: “*A política econômica bem-sucedida é uma combinação de teoria e arte*”. A que política econômica e a que teoria ele está se referindo? Obviamente, à política econômica e à teoria que compõem a ciência que Delfim Netto reputa como autêntica e incontestável, e que, repleta de teorias, na sua visão já se impôs e até nos fez conhecer muitas verdades.

Não vê o deputado que a ciência a que se refere não é exatamente ciência, mas sim esse conjunto de regras, leis e teorias concebido com o único objetivo de lubrificar o processo de produção e acumulação do capital, no que este conta – vale repetir – com a ajuda e o amparo do Estado, da política, do direito, da polícia, do poder, enfim, de todas as instituições que aí estão, entre as quais podemos incluir a sagrada família e a religião da moda.

Nunca que essa ciência (economia) do ex-ministro Delfim Netto encontrará o Santo Graal, seja do que for, quanto mais da política monetária! Por uma razão muito simples: toda política econômica, em qualquer país capitalista, tem como fonte de origem e base de sustentação a expropriação de mais-valia, que é trabalho a mais não pago usurpado do trabalhador. Portanto, tem como princípio ativo um ato espúrio, o roubo de trabalho despendido, ou seja, violência.

Como é que uma ciência que se sustenta num ato irracional e violento como esse, da usurpação de trabalho a mais não pago, pode encontrar a fórmula mágica capaz de fazê-la funcionar a pleno vapor, sem crises nem oscilações? É humanamente impossível, da mesma forma que não dá, por exemplo, para encontrar o Santo Graal que legitime a escravidão e a faça funcionar de maneira exemplar, sem revoltosos nem crises, como forma racional de trabalho e produção.

Da mesma forma, o psicanalista também imagina que a psicanálise seja uma ciência, com o que faz coro o sociólogo a respeito da sociologia e o antropólogo a respeito da antropologia, e vai por aí afora.

Em capítulos mais adiante, vamos ver que estas também não são ciências autênticas, na medida em que agravam ainda mais a encrenca, em vez de nos trazer soluções e verdades.

A exemplo da economia, todas elas foram criadas e funcionam como meios que servem apenas para dar amparo e sustentação ao processo de acumulação de capital, ou seja, como instrumento que ajuda a lubrificar e a equilibrar a prática (violenta e irracional) da expropriação de mais-valia.

Resumindo, veremos mais adiante que a psicanálise, a sociologia e a antropologia, bem como todas as demais “ciências especializadas”, não passam de ferramentas a serviço da reprodução e conservação da *viobscuridade*. Aí estão não para elucidar, mas para obscurecer.

Um filme que satiriza como poucos o *vir obscurus* é o badalado *O cozinheiro, o Ladrão, sua Mulher e o Amante* (*The Cook the Thief his Wife & her Lover* – 1989), com roteiro e direção do britânico Peter Greenaway (que é originário do País de Gales).

Com muito humor e atores excepcionais, *The Cook* mostra ao que se costuma ver reduzido o ser humano quando veste as roupas de patrão e se molda aos ditames da classe dominante, no capitalismo. Em suma, é um (brilhante) trabalho sobre a relação empregador-empregado.

Com cores bem fortes, vemos as ações tirânicas e a expropriação diária de trabalho não pago (de mais-valia) por parte de Albert Spica (Michael Gambon), que explora inescrupulosamente seus empregados, como dono do requintado restaurante *Le Hollandais*, em que a especialidade são frutos os do mar.

*Vir obscurus* clássico, grosseiro e insensível, o patrão Spica não só manipula os empregados, como os submete a regime de escravidão, principalmente seu fino cozinheiro, Richard Borst (Richard Bohringer), que é a alma do restaurante. Spica chegará até mesmo a torturar o lavador de pratos e ajudante de cozinha Pup (Paul Russell), também chamado de Poor Pup.

Enfim, o dono do *Le Hollandais* age como o pior dos patrões. Não poupa nem mesmo a própria mulher, Georgina (Helen Mirren), e os amigos mais próximos, como Mitchel (Tim Roth), a quem costuma ridicularizar. O ódio de Georgina pelo marido é tanto que ela acaba se apaixonando por outro.

Spica descobre a traição e concentra seus ataques em Georgina e no amante dela, levando esta perseguição à mulher (uma caricatura da luta de classes) às últimas conseqüências: encomenda o assassinato do amante.

É a classe patronal e dominante agindo como de costume, em atrito permanente (ainda que na vida real este conflito seja velado e pouco perceptível) com os empregados, ao mesmo tempo alienando o mundo e alimentando e exercitando sua própria alienação (sua própria *viobscuridade*). E mais: utilizando-se do Estado, da política, da polícia, das leis, do direito, da religião para se impor e atingir esse fim.

Lembra-se de Cazuzu, quando dizia que a burguesia fede? *The Cook* é a comprovação disto. É claro que, no filme, as personagens estão exageradas, caricaturais mesmo, como se tivessem saído de um desenho animado (o que parece ter sido feito de propósito). E o filme também peca por abusar do proselitismo contra o tatcherismo da época.

Não se contenta em opor-se às ações de Margaret Thatcher, então primeira-ministra da Inglaterra, mas faz questão também de enterrar a Inglaterra, deixando-nos como saldo uma ode à França, o que é no mínimo preconceituoso. Daí que, apesar de belíssimo, *The Cook* não chega a ser uma obra-prima. Mas, intrigante e envolvente, o filme é disparado o melhor de Greenaway, o suficiente para nos dar uma aula sobre a *viobscuridade*.

A vingança que os empregados e a esposa urdem contra o patrão e marido Albert Spica – obrigando-o, sob a mira de uma pistola, a devorar o amante que ela acabou de assar e servir num prato requintado e muito bem adornado, exigindo ainda por cima que o marido inicie a lauta refeição pelo pênis do rival morto – é o melhor desfecho que o cinema já encontrou para a luta de classes: a revolta que leva à vitória e a superação do oprimido, isto é, do *vir obscurus*.

Portanto, se o fenômeno da *viobscuridade*, que já é secular e está globalizado, não for contido logo, a humanidade vai acabar. E aí está uma questão que não será resolvida tão cedo. O problema vai continuar pelo menos enquanto durarem as condições sociais que geram e

reproduzem a desesperadora situação de *virobscuridade* que temos hoje, tão bem mostrada em *The Cook...*

Ora, ninguém quer que a humanidade acabe!

Nossa principal arma, em todo o site, é a da repetição, muito bem definida no provérbio latino *repetitio est mater studiorum* (“a repetição é a alma do estudo”). Isto é, vamos explicar neste site, repetidas vezes, até à exaustão, todas as grandes descobertas e os principais conceitos, às vezes didaticamente, a fim de tornar possível seu entendimento e sua assimilação. Eis a nossa contribuição para que o homem possa avançar e reencontrar seu verdadeiro caminho.

Mas quais são essas descobertas científicas que tanto precisamos abraçar, respeitar e pôr logo em prática, e que escapam do homem comum e das grandes inteligências e celebridades? Há muitas delas, de Jesus a Marx, de Galileu a Newton e de Darwin a Einstein, todas decisivas para a elucidação do homem e para tornar possível a compreensão da realidade.

É uma necessidade da vida humana – e de todos os animais – a adaptação às mudanças do meio ambiente e da natureza, dos quais todos os seres vivos são parte. A mesma natureza que nos cria, nos aninha e acalenta é a que nos agride e nos impõe sacrifícios.

A vida humana é essa eterna luta para dominar e sobrepujar a natureza, pois temos de vencê-la para sobreviver. Tal conflito entre o homem e a natureza sempre foi saudável e nos manteve vivos, até que um dia subordinamos nossos semelhantes e os pusemos a trabalhar para nós, seja como escravos, servos ou assalariados, para que exercessem esse conflito sem que precisássemos trabalhar. Ou seja, criamos um novo conflito, nada saudável, entre os próprios homens, para exercer o conflito maior, e saudável, com a natureza. Foi quando toda a tragédia humana começou.

Atualmente, continuamos indo à natureza, para sobreviver, subordinando o semelhante e o obrigando a fazer esse papel de trabalhar por nós e para nós. Ou seja, consagramos a prática da expropriação de trabalho excedente não pago (mais-valia), isto é, instituímos a violência. E perdemos de vista que isso se trata de violência. Eis a causa de toda a convulsão em que está mergulhado o social de nossos dias. Só há uma maneira de reparar essa situação: pela via da razão, sem a qual continuaremos sem rumo.

A consciência é resultado da evolução. Despontou em nós ao longo de um processo que durou alguns milhares de anos, assim que se tornou uma necessidade, um imperativo à nossa sobrevivência. Sem o desenvolvimento da consciência, nossa pré-espécie não teria sobrevivido e não estaríamos hoje aqui.

Ainda não sabemos por quais motivos (a ciência suspeita que tenha sido o choque de um asteroide com a Terra), nosso planeta passou por radicais mudanças ambientais, há alguns milhões de anos. Determinadas espécies não se adaptaram e desapareceram, como os dinossauros. Outras sobreviveram, mas às custas de muita luta e sacrifício, de enorme esforço de adaptação.

Nossa pré-espécie – o proto-homem – esteve entre essas espécies que, ameaçadas de extinção, por causa de tais mudanças, tiveram de fazer um enorme esforço para superar as dificuldades que então foram surgindo. Esse esforço foi exigido principalmente dos seres mais complexos, como os mamíferos e vertebrados, os mais atingidos pelas novas dificuldades então impostas.

Para poder dominar e vencer a natureza, todas as espécies, sem exceção, foram obrigadas naquele momento a fazer um “esforço” para “entender” o mundo, “preparar-se” para agir nele e “saber” como enfrentá-lo.

Todas as formas de vida, em especial as mais complexas, como os vertebrados e mamíferos, foram empurradas a isso. Em suma, foram “pressionadas” pelo meio ambiente para desenvolver a

razão e a consciência. Evidentemente, a maioria tropeçou ou parou no meio do caminho. Só uma chegou lá, o homem, e ainda assim dotando-se de uma razão imperfeita.

Ou seja, todas as espécies, especialmente as mais complexas, foram “forçadas” a evoluir para a razão e a consciência, a fim de poder “entender” a natureza e sobreviver. Só que pararam no meio do processo, ora porque “contentaram-se” com o aparato instintivo que haviam desenvolvido primariamente, ora porque não encontraram condições favoráveis (tamanho e qualidade do cérebro etc.) que lhes permitissem desenvolver a consciência etc.

A maioria dessas espécies conseguiu sobreviver apenas aprimorando seu instinto de preservação. Outras nem tanto, como os dinossauros, que sucumbiram e desapareceram. Para nossa pré-espécie (o pré-homem), entretanto, ao contrário das demais, o instinto de preservação foi insuficiente.

Dotado de um cérebro avantajado, fruto do esforço que teve de fazer para vencer a natureza e sobreviver, muito em razão de sua fragilidade como espécie diante das novas dificuldades que se impuseram, o pré-homem teve de ir muito além de seu aparato instintivo.

Foi obrigado a mergulhar na razão e na consciência para poder entender melhor o novo mundo e nele se adaptar. Teve ele mesmo de desenvolver a consciência, a partir desse seu conflito eterno com a natureza, para poder finalmente compreender a realidade e sobreviver. Enfim, teve de dar esse salto qualitativo, ou seja, mudar de qualidade, passando de pré-homem para homem, fenômeno que não ocorreu com nenhuma outra espécie. Tal desafio só foi superado com o desenvolvimento da capacidade de pensar.

Onde há vida, há luta pela sobrevivência. E onde há luta pela sobrevivência, há esforço para o “entendimento” da realidade. E esse esforço pode levar ao aparecimento da consciência, pois ela é, no caso do homem, a única força que o capacita a dominar a natureza.

Na verdade, o homem não tem feito outra coisa, até aqui, senão procurar entender o real, uma vez que sua espécie não sobrevive sem o conhecimento. O conhecimento é uma arma para o homem. Mas, por razões sociais já bem determinadas, especialmente após o aparecimento das classes há alguns milênios, o homem viu-se na contingência de ter de enveredar pelo beco meio que sem saída da *virobscuridade*, de desprezo mesmo à razão e ao conhecimento, dos quais tanto precisa para não sucumbir. Precisamos nos livrar urgentemente dessa situação, se não quisermos desaparecer como espécie.

Entremeando momentos de lucidez com outros de extrema estupidez, já perdemos de vista até mesmo o que são a vida e o mundo. Em resumo, nos alienamos. E deixamos de entender a realidade. Hoje em dia, nosso guia tem sido apenas a história oficial, que é a que esconde e dissimula a expropriação de mais-valia. É hora de reagir a isso.

Precisamos, hoje mais do que nunca, entender realmente o chão que pisamos, superar o *vir obscurus* que há dentro de cada um de nós. Já está escrito: o destino do *vir obscurus*, seja ele celebridade ou não, é o lixo da história. Temos de mudar isso. Só assim avançaremos.